

COLEÇÃO GERALDO PARREIRAS: ORIGEM, TRAJETÓRIA E PROTAGONISMO DA ARTE SACRA NO MUSEU MINEIRO

THE GERALDO PARREIRAS COLLECTION: ORIGINS, DEVELOPMENT AND THE CENTRAL ROLE OF SACRED ART AT THE MUSEU MINEIRO

LA COLECCIÓN GERALDO PARREIRAS: ORIGEN, TRAYECTORIA Y PROTAGONISMO DEL ARTE SACRO EN EL MUSEO MINEIRO

Elvira Nóbrega de Faria Tobias¹
elviratobias@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é resgatar, ainda que de forma preliminar, a documentação existente na Diretoria de Museus da Secretaria de Cultura e Turismo do Estado de Minas Gerais, bem como fontes jornalísticas e locais, com o intuito de aprofundar a compreensão acerca da figura do colecionador Geraldo Parreiras e da formação de sua coleção, até sua aquisição pelo Estado de Minas Gerais, para integrar o acervo do Museu Mineiro. A coleção de obras de arte sacra de Geraldo Parreiras, formada em Minas Gerais, teve início em 1950 e foi constituída pelo colecionador durante 13 anos de visitas às regiões de Sabará, Caeté, Santa Bárbara e São João del-Rei. Já era reconhecida nacionalmente antes de ser adquirida pelo Governo do Estado de Minas Gerais para compor o acervo inicial do Museu Mineiro, em 1976, após a morte do colecionador. Esse reconhecimento pode ser comprovado pela documentação encontrada no Museu Mineiro, que apresenta aspectos da vida do colecionador, da formação e trajetória da coleção, além de destacar a movimentação de personalidades relevantes do cenário cultural da época em torno da coleção. Concluiu-se que a Coleção Geraldo Parreiras já possuía uma existência muito bem definida no campo cultural mineiro, que serviu de base para o tratamento museológico e divulgação que lhe foram dispensados após 1982, com a inauguração do Museu Mineiro.

Palavras-chave: Coleção Geraldo Parreiras; Museu Mineiro; Arte Sacra; Minas Gerais; Colecionismo.

ABSTRACT

The objective of this article is to recover, albeit in a preliminary manner, the existing documentation held by the Directorate of Museums of the Secretariat of Culture and Tourism of the State of Minas Gerais, as well as journalistic and local sources, with the aim of deepening the understanding of the figure of the collector Geraldo Parreiras and the formation of his collection, up until its acquisition by the State of Minas Gerais to become part of the Museu Mineiro's holdings. Geraldo Parreiras's collection of sacred art, assembled in Minas Gerais, began in 1950 and was developed over 13 years through visits to the regions of Sabará, Caeté, Santa Bárbara, and São João del-Rei. It had already achieved national recognition before being acquired by the Government of the State of Minas Gerais in 1976, after the collector's death, to constitute the initial collection of the Museu Mineiro. This recognition is evidenced by

¹ Mestranda em Preservação do Patrimônio Cultural no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGArtes), Escola de Belas Artes (EBA), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Especialista em Conservação e Restauração em Bens Culturais Móveis pelo Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (Cecor/EBA/UFMG); Coordenadora do Núcleo de Gestão de Acervos Museológicos da Diretoria de Museus da Secretaria de Estado de Cultura e Turismo (Secult) de Minas Gerais.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9842928754250230>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-9459-6931>.

documentation found in the Museu Mineiro, which sheds light on the collector's life, the formation and trajectory of the collection, and highlights the involvement of prominent cultural figures of the time who engaged with the collection. It is concluded that the Geraldo Parreiras Collection already held a well-established place within the cultural landscape of Minas Gerais, which served as a foundation for the museological treatment and public dissemination it received after 1982, with the inauguration of the Museu Mineiro.

Keywords: Geraldo Parreiras Collection; Museu Mineiro; Sacred Art; Minas Gerais; Collecting Practices ou Collecting.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es rescatar, aunque de manera preliminar, la documentación existente en la Dirección de Museos de la Secretaría de Cultura y Turismo del Estado de Minas Gerais, así como fuentes periodísticas y locales, con el propósito de profundizar la comprensión sobre la figura del coleccionista Geraldo Parreiras y la formación de su colección, hasta su adquisición por parte del Estado de Minas Gerais para integrar el acervo del Museo Mineiro. La colección de obras de arte sacro de Geraldo Parreiras, formada en Minas Gerais, tuvo inicio en 1950 y fue constituida por el coleccionista a lo largo de 13 años de visitas a las regiones de Sabará, Caeté, Santa Bárbara y São João del-Rei. Ya gozaba de reconocimiento a nivel nacional antes de ser adquirida por el Gobierno del Estado de Minas Gerais para conformar el acervo inicial del Museo Mineiro, en 1976, tras el fallecimiento del coleccionista. Este reconocimiento puede ser comprobado por medio de la documentación hallada en el Museo Mineiro, la cual presenta aspectos de la vida del coleccionista, de la formación y trayectoria de la colección, además de destacar la participación de personalidades relevantes del escenario cultural de la época en torno a dicha colección. Se concluye que la Colección Geraldo Parreiras ya poseía una existencia claramente definida en el ámbito cultural mineiro, lo que sirvió de base para el tratamiento museológico y la divulgación que le fueron otorgados a partir de 1982, con la inauguración del Museo Mineiro.

Palabras-clave: Colección Geraldo Parreiras; Museo Mineiro; Arte Sacro; Minas Gerais; Coleccionismo.

INTRODUÇÃO

A Coleção Geraldo Parreiras faz parte do acervo do Museu Mineiro desde sua inauguração, em 1982. Apesar de ser uma coleção relevante dentro da exposição permanente de arte sacra do museu, ainda é pouco estudada. Grande parte da documentação sobre essa coleção permanece circunscrita ao museu, sendo um material importante para a melhor compreensão não apenas das motivações individuais do colecionador, mas também dos contextos sociais, políticos e econômicos que orientam a valorização e a circulação dessas obras ao longo do tempo.

O colecionismo de obras de arte é um fenômeno complexo e multifacetado, que exerce papel central na construção da história da arte, na configuração do mercado artístico e na formação de instituições culturais. A análise das práticas de colecionismo possibilita

identificar os mecanismos que influenciaram a preservação de determinados artistas, estilos e períodos históricos, bem como os critérios seletivos que definiram a inserção desses acervos nos museus.

O presente artigo tem como objetivo resgatar, ainda que de forma preliminar, a documentação existente na Diretoria de Museus da Secretaria de Cultura e Turismo do Estado de Minas Gerais, bem como fontes jornalísticas e locais, com o intuito de aprofundar a compreensão acerca da figura do colecionador Geraldo Parreiras e da formação de sua coleção, até sua aquisição pelo Estado de Minas Gerais, para integrar o acervo do Museu Mineiro. Pretende-se, assim, demonstrar a importância do papel do colecionador de obras de arte no contexto cultural de Minas Gerais e, sobretudo, mostrar a evolução desse acervo, sua trajetória e principais ações para sua salvaguarda.

O COLEÇÃOADOR GERALDO PARREIRAS

O colecionador Geraldo Parreiras nasceu em 1908, na cidade mineira de Crucilândia. Formou-se em Engenharia na Escola de Minas de Ouro Preto em 1932. Em 1933, ingressou na Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, trabalhando em Sabará até 1937. Nesse mesmo ano, foi transferido para a cidade de João Monlevade, para ocupar a chefia do setor de altos-fornos da Usina Barbanson, recém-inaugurada na cidade, tornando-se depois titular da chefia de Serviço Social. Em 1961, retornou a Sabará, onde assumiu a Superintendência da unidade local da Usina. Após sua aposentadoria, em 1971, elegeu-se duas vezes para a presidência da Sociedade Mineira de Engenheiros (1971 e 1973). Em 1972 foi nomeado reitor da Universidade Federal de Ouro Preto, cargo que ocupava quando faleceu, em 1975, aos 67 anos (Julião, 2002).

Sua época de estudante secundarista e universitário em Ouro Preto coincide com a propagação das ideias modernistas sobre a arte barroca produzida em Minas Gerais, que talvez seja sua primeira influência no campo das artes. Nas primeiras décadas do século, teve início um processo de valorização da estética barroca e do passado colonial, suscitando debates e despertando a consciência sobre a necessidade de preservação do patrimônio histórico e artístico nacional (Bomeny, 2001).

O Movimento Modernista, marcado no Brasil pela Semana de Arte Moderna de 1922, teve duas faces distintas: “Distinguimos o projeto estético do Modernismo (renovação dos meios, ruptura da linguagem convencional) do seu projeto ideológico (consciência do país, desejo e busca de uma consciência artística nacional, caráter de classe de suas atitudes e produções)” (Lafetá, 2000, p. 21).

Seguindo o projeto ideológico do Movimento Modernista, Mario de Andrade, figura central do movimento, fez sua primeira visita a Minas Gerais em junho de 1919, para conhecer os monumentos e as igrejas das cidades mineiras do ciclo do ouro. Seu intuito era procurar os traços históricos e artísticos representativos que lhe permitissem elaborar o conceito de identidade brasileira. As considerações de Mário de Andrade inspiraram outros modernistas a se aventurarem em viagens na busca pelo passado colonial mineiro no ano de 1924. Partindo da visita a esse passado e recuperando as raízes da nacionalidade, o Movimento Modernista instituiria as bases de uma identidade moderna brasileira, tanto histórica quanto estética (Natal, 2007).

Na viagem de 1924, o grupo de modernistas liderado por Mario de Andrade visitou as cidades de Juiz de Fora, Barbacena, São João del-Rei e Tiradentes, de onde se dirigiram à capital mineira, para conhecer localidades próximas, como Sabará, Lagoa Santa e a Serra do Cipó. Depois de Belo Horizonte, o grupo partiu para Ouro Preto, Mariana e Congonhas, de onde retornaram a São Paulo (Andrade, 1993).

Esse contexto histórico incentivou a valorização da arte colonial pela sociedade brasileira, influenciando os colecionadores, que até então se identificavam com a aspiração do colecionismo europeu, e despertando, na elite da época, o gosto pela coleção de obras barrocas. Com isso, inaugura-se o autêntico colecionismo de arte brasileira (Maia, 2007). Assim, no final da década de 1950, diante da propagação das coleções particulares de obras de arte barroca no país, iniciou-se, em Minas Gerais, a Coleção Geraldo Parreiras.

Em 1937, quando foi transferido para João Monlevade, Geraldo Parreiras trabalhava com o luxemburguês Joseph Hein na Usina Barbanson. Dr. Parreiras e Dr. Hein, como eram chamados, eram amigos e ocupavam altos cargos na empresa (Figura 1). Quando Joseph Hein completou 25 anos de dedicação à Belgo Mineira, Geraldo Parreiras, junto a um grupo de amigos, decidiu homenageá-lo, presenteando-o com uma imagem de madona. Encarregado de encontrar esse presente, Parreiras percorreu antiquários, fazendas antigas e pequenos povoados, entrando em contato com a imaginária barroca do interior de Minas. A busca por esse presente levou-o ao gosto pela arte barroca e ao colecionismo de objetos de arte sacra. Mesmo depois de encontrado o presente, ele continuou a percorrer vilarejos do interior de Minas, nos finais de semana, adquirindo, assim, ao longo de treze anos, os objetos de sua coleção (Julião, 2002).

Figura 1 – Geraldo Parreiras (à esquerda) e Joseph Hein durante solenidade em João Monlevade



Fonte: Ferreira (2006).

Assim, Geraldo Parreiras iniciou sua coleção, composta por 187 peças de imaginária barroca, prataria, oratórios e mobiliário, em fins da década de 1950. Apesar da falta de documentação que ateste a procedência, a coleção, possivelmente, foi constituída por obras das regiões de Sabará, Caeté, Santa Bárbara, São João del-Rei e núcleos das antigas comarcas de Sabará e Rio das Mortes (Ávila, 1986).

A COLEÇÃO GERALDO PARREIRAS

Durante os anos de 1959 e 1975, Geraldo Parreiras fez de sua residência o local de exposição de sua coleção, transformando salas de estar em salas expositivas, decoradas com mobiliário e arte sacra, como mostram as fotografias de matéria publicada na revista *O Cruzeiro*, do ano de 1972, intitulada *Esta Casa é a Porta do Céu* (Figura 2a). A reportagem de Fernando Brant (1972) apresenta fotografias do interior da residência de Geraldo Parreiras, descrevendo-a como seu museu particular, onde as obras e o mobiliário dos séculos XVII ao XIX compõem os ambientes da casa, e os arcazes, credências, oratórios e imagens de santos desse mesmo período decoram as salas de estar. Nas fotografias, a família habita os mesmos ambientes que as obras e o mobiliário (Figura 2b), demonstrando uma interação natural e habitual da família do colecionador com a coleção.

Figura 2a – Página de apresentação da matéria sobre a coleção na revista *O Cruzeiro*



Figura 2b – Família do colecionador com as obras da coleção em sua residência



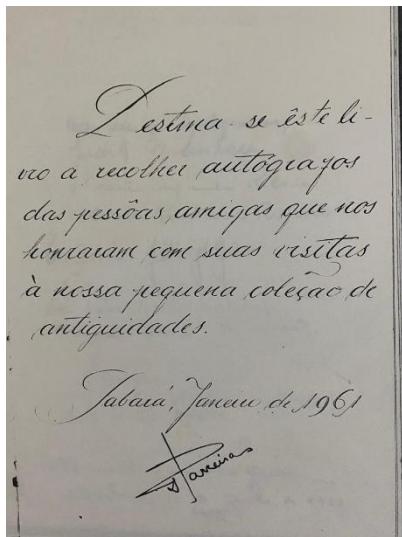
Fonte: Brant (1972, p. 53, 55).

Essa abordagem de casa-museu não era novidade entre os colecionadores. Remonta aos chamados gabinetes de curiosidades, locais onde uma ou várias coleções de objetos eram expostas em conjunto, que foram progressivamente se espalhando pela Europa durante os séculos XVI, XVII e XVIII. Tal prática emerge no Brasil com a família real, que, instalada na então colônia, também apresentava a vocação colecionista europeia. Exemplo disso é a coleção de D. Pedro II, que hoje compõe o acervo do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (Schwarcz; Dantas, 2008).

A coleção do imperador D. Pedro II foi iniciada pela união de um gabinete de mineralogia e numismática, acrescido de um herbário, todos herdados de sua mãe, a imperatriz Leopoldina. Seu gabinete de curiosidades era chamado por ele mesmo de “Museu do Imperador”, e ocupava quatro salas do palácio de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, com peças classificadas e apresentadas aos visitantes mais ilustres pelo próprio Imperador (Museu Nacional, 2025).

A matéria da revista *O Cruzeiro* também apresenta trechos do livro de assinaturas dos visitantes da residência, pessoas ilustres e amigos de Geraldo Parreiras que adentraram a intimidade da família para conhecer a coleção e deixaram mensagens de admiração sobre as obras que encontraram. A cópia desse livro encontra-se nos arquivos do Museu Mineiro, e foi cedida ao museu pelos filhos do colecionador. Na folha de rosto (Figura 3) lê-se a mensagem: “Destina-se este livro a recolher autógrafos das pessoas amigas que nos honraram com suas visitas à nossa pequena coleção de antiguidades. Sabará, janeiro de 1961. Geraldo Parreiras” (Museu Mineiro, 1995).

Figura 3 – Folha de rosto do livro de visitantes da residência do colecionador Geraldo Parreiras



Fonte: foto da autora.

A iniciativa do livro deu-se em 1961, como demonstra o texto da página de rosto, mas é muito provável que o hábito de receber visitantes na residência, para mostrar a coleção, já havia iniciado anteriormente e foi formalmente oficializado pelo livro de autógrafos. No livro, encontram-se inúmeras mensagens que se referem à gentileza dos anfitriões, ao proporcionar a visita e discorrer sobre as obras que ali se encontravam, o que demonstra que o próprio colecionador acompanhava os visitantes e orgulhava-se de sua coleção. Essa é uma característica e peculiaridade de alguns colecionadores, como analisa Ana Luisa Janeira (2006, p. 67):

A par de tudo isso, a vontade de mostrar. E do colecionador se mostrar, também. A vontade de mostrar move-se desde os ciclos de intimidade – familiares, amigos – aos circuitos mais alargados – visitantes, público –, e comporta alvos que desdobram objetivos informativos e objetivos educativos. Daí ter sempre em mira um qualquer público, imaginário ou real, e uma qualquer interação, imediata ou a longo prazo. Ou seja, a coleção é para ser (ad)mirada, do possuidor aos demais, e inscreve as margens de um(a) aprendiz(agem): é esperado que a coleção potencialize um ensino, quando ultrapassa os universos ausentes e distantes, mundos passados e outros mundos desconhecidos. Pela presença atualizada e, hoje, pela proximidade virtual.

A série de assinaturas tem início em 1961 e segue até 1975, ano da morte de Geraldo Parreiras. As assinaturas e as mensagens no livro levam-nos a crer que o público que tinha interesse pela coleção era bastante variado, pois constavam desde mensagens de pessoas que afirmavam não conhecer a fundo a arte barroca até assinaturas de estudantes universitários, de faculdades de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pernambuco, Goiás e Bahia. Há também uma página inteira com assinaturas de visitantes intitulada “Clube Internacional das Senhoras de Belo Horizonte”, onde se encontram registros de pessoas dos Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Polônia, Porto Rico e Cuba.

Além de assinaturas, o livro conta com mensagens de visitantes de atuação e importância reconhecidas no campo cultural da época, ainda hoje relevantes, como Marcia Moura de Castro, Clio Ferraz e Marina Sabino, membros da Sociedade Amigas da Cultura. Priscila Freire, figura atuante no cenário museológico nacional, escreveu essa mensagem em junho de 1964: “Em matéria de imagens religiosas a sua coleção é superior ao Museu do Ouro, e tão boa quanto a dos outros museus do Estado de Minas. Nunca vi uma coleção de imagens tão bonitas, preciosas e com detalhes tão originais. Priscila Euler Freire” (Museu Mineiro, 1995).

No total, são aproximadamente 550 registros de assinaturas no livro. Todos os visitantes foram unâimes em exaltar a importância da coleção. Segue a reprodução de uma das inúmeras mensagens, datada de 1966:

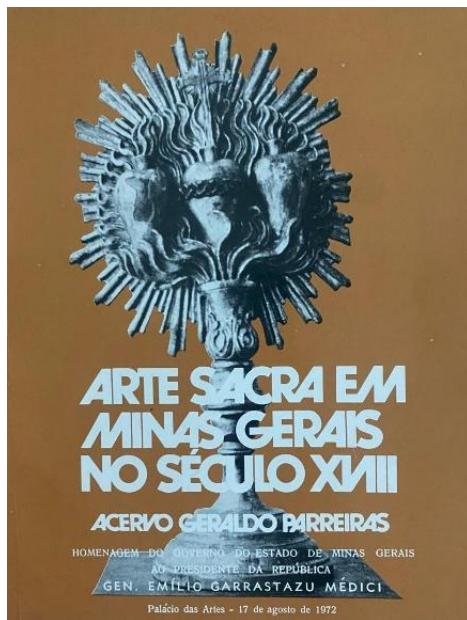
De passagem por Belo Horizonte, como representante do Exmº. Sr. Ministro da Marinha, com destino a Ouro Preto onde se comemorará, amanhã, o 1º centenário da Posse do Visconde de Ouro Preto como Ministro da Marinha do II Império, tive a grande ventura de trazido a este honrado lar pelo Gal. Diaserro, me extasiar com a belíssima exposição de arte sacra de que é possuidor o ilustre Dr. Parreiras que nos ilustrou com sua agradabilíssima conversa, verdadeira aula sôbre o assunto ou origens das suas interessantes e raras esculturas sacras - Belo Horizonte, (MG) - 2 de agosto de 1966. Contra-Almirante Dantas Torres (Museu Mineiro, 1995).

Pela lista de assinaturas, percebe-se que a coleção despertou interesse em grupos distintos da elite da época, tanto do campo da política, como demonstra a visita de Israel Pinheiro e Coracy Uchoa Pinheiro, Governador do Estado de Minas Gerais e primeira-dama, e do ex-governador Milton Campos. A coleção também foi visitada por famílias tradicionais da sociedade mineira, como a Família Teixeira de Salles, Família Thibau, Família Carneiro de Mendonça, Família Souza Lima. Além dos empresários Leonardo Augusto Ferreira e Lucio Pentagna Guimarães e os intelectuais Antonio de Lara Resende, jurista, irmão do membro da Academia Brasileira de Letras Otto Lara Resende, Caio Boschi, Mari’Stella Tristão e a Condessa Pereira Carneiro, esposa do jornalista e proprietário do jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro.

A Coleção Geraldo Parreiras, entretanto, não ficaria restrita aos visitantes da residência em Sabará por muito tempo. Em Belo Horizonte, respectivamente em 1970 e 1971, foram inaugurados a Grande Galeria e o Grande Teatro do Palácio das Artes. No ano de 1972, a Coleção Geraldo Parreiras foi exposta na Grande Galeria do Palácio das Artes, em comemoração ao sesquicentenário da Independência do Brasil, em uma exposição determinada pelo então governador de Minas Gerais Rondon Pacheco, para homenagear o Presidente da República General Emilio Garrastazu Médici, em visita ao estado pela comemoração da data (Palácio das Artes, 1972).

Intitulada *Arte Sacra em Minas Gerais no Século XVIII* (Figura 4), a exposição foi inaugurada em agosto de 1972 e composta, exclusivamente, com o acervo de Geraldo Parreiras. Foram expostos setenta itens da coleção, entre imaginária, mobiliário e fragmentos de talha, com catálogo contendo fotografias das obras e textos elaborados por Jair Afonso Inácio, referentes à iconografia, época e estilo de cada obra.

Figura 4 – Catálogo da exposição *Arte Sacra em Minas Gerais no Século XVIII*



Fonte: foto da autora.

O livro de registro dos visitantes da exposição traz, na primeira página, na data da inauguração, as assinaturas do Presidente da República e da primeira-dama e, em seguida, do Governador do Estado de Minas Gerais e da primeira-dama do Estado, o que indica que foi um evento de repercussão nacional, realmente importante para a divulgação, tanto das obras quanto do colecionador, coroando o reconhecimento de ambos.

Os jornais de Belo Horizonte noticiaram a inauguração da exposição amplamente, valorizando tanto as obras quanto o teor cultural do evento, com reportagens ilustradas com as fotografias das obras e textos de personalidades da época, como Fernando Brant e Márcio Sampaio. Para além da valorização do acervo, essas matérias destacavam também a figura do colecionador como agente de preservação do acervo histórico e artístico, possibilitando sua fruição pública. Essa exaltação da figura do colecionador não é inédita:

Outra relação comumente referida em casos similares é a relação entre saber e poder. Na verdade, para se colecionar são precisos dispositivos financeiros que permitam mecanismos de aquisição (coleta, compra, troca) e conservação, ambos requerendo conhecimentos que facultem as opções de escolha, os requisitos de manutenção e a disponibilidade de apropriação dos objetos (Janeira, 2006, p. 67).

Pouco tempo depois, em 1973, acontece, na mesma galeria, a exposição *Arte Antiga em Coleções Mineiras*, que, novamente, apresenta a Coleção Geraldo Parreiras. Dessa vez, porém, a Grande Galeria do Palácio das Artes seria palco de uma exposição coletiva dos colecionadores de obras de arte mineira, promovida pela Sociedade Amigas da Cultura, trazendo, na apresentação do catálogo da exposição, a seguinte mensagem: “Esperamos também que esta mostra venha sensibilizar a nossa cidade para a fundação do Museu de Arte Antiga, onde, a exemplo de outras capitais, estaremos preservando, para o futuro, um pouco da beleza e da arte do nosso passado” (Museu Mineiro, 1995).

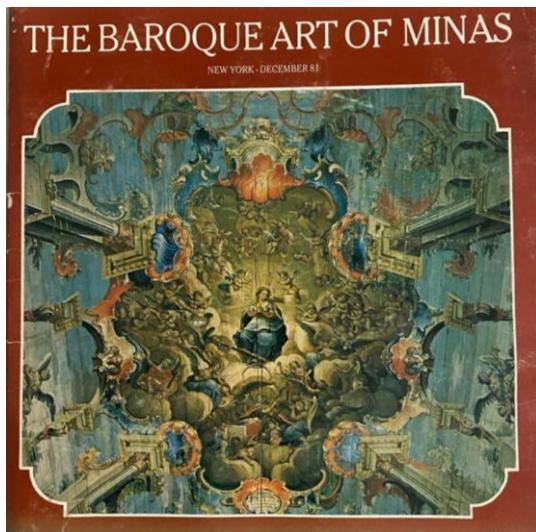
Desde os séculos XVII e XVIII, as coleções particulares funcionavam como uma extensão simbólica da figura dos colecionadores, projetando a imagem que eles desejavam construir de si mesmos. Assim, os colecionadores reconheciam o espaço museológico como um instrumento de poder, organizado para exercer e legitimar seu mecenato e sua autoridade intelectual e cultural (Maia, 2007). Nesses termos, percebe-se novamente a relação de poder e saber dos colecionadores, transmitida pela intenção dessa exposição, que não se limitava à fruição das obras expostas, mas incluía uma reivindicação da sociedade direcionada ao estado.

A importância dos colecionadores para a Museologia torna-se ainda maior após esse estágio de nacionalização de coleções confiscadas, pois, com a criação dos museus estatais, tornou-se comum a doação voluntária de coleções para o Estado. A figura do doador passa a estar atrelada à própria coleção. Colecionador e coleção passam a ser um só, tornando a admiração pelos objetos um ato de admiração pelo colecionador (Maia, 2007, p. 376).

A exposição contou com 38 obras da Coleção Geraldo Parreiras, além de acervos de outros dezoito colecionadores mineiros, entre eles Marcia Moura Castro, Amigas da Cultura e Vitorio Lanari. O catálogo contou com texto de Lúcia Machado de Almeida e a montagem da exposição foi de Carlos Alberto Nemer, o que demonstra a relevância da iniciativa, que reuniu essas personalidades da cultura e da sociedade mineira da época em torno do evento e da necessidade de criação de um museu de artes em Belo Horizonte.

Anos mais tarde, em 1981, quando a Coleção Geraldo Parreiras já pertencia ao estado, houve nova exposição das obras, dessa vez fora do país. Por uma parceria entre o Estado de Minas Gerais, o Ministério das Relações Exteriores e o Consulado Geral do Brasil em Nova York, organizou-se uma exposição sobre o barroco mineiro na cidade de Nova York (Figura 5).

Figura 5 – Catálogo da exposição *The Baroque Art of Minas*



Fonte: foto da autora.

Essa exposição contou com obras barrocas da Coleção Geraldo Parreiras, do Museu Arquidiocesano de Mariana e do Museu da Inconfidência de Ouro Preto, sob a coordenação da historiadora da arte Myriam Ribeiro e do crítico de arte Márcio Sampaio.

A COLEÇÃO GERALDO PARREIRAS NO MUSEU MINEIRO

A Coleção Geraldo Parreiras, juntamente com a Coleção Arquivo Público Mineiro e a Coleção Pinacoteca, fez parte da formação inicial do Museu Mineiro. Diferentemente das outras duas, a Coleção Geraldo Parreiras foi a única a ser adquirida pelo Governo do Estado por meio de compra.

Alguns anos após a morte do colecionador Geraldo Parreiras, em 1975, seus filhos, herdeiros legítimos, receberam do Estado de Minas Gerais a proposta de compra da coleção de arte sacra. A sugestão de compra partiu do Conselho Estadual de Cultura, como registrado no Trecho do Livro de Atas nº 5, página 73, da Sessão Plenária do Conselho Estadual de Cultura em 22/10/1975, nos documentos do Dossiê Acervo Geraldo Parreiras:

Falando a seguir, a Senhora Presidente em exercício (Conselheira Sara Ávila de Oliveira) comunicou ao plenário o falecimento do engenheiro Geraldo Parreiras, cujas altas qualidades, como cidadão e técnico, ressaltou e, após outras considerações, Sua Excelência: a) requereu à casa o registro em ata de um voto de profundo pesar pelo seu passamento, e b) salientou a conveniência de o Conselho sugerir à Coordenadoria de Cultura e ao Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico –IEPHA/MG- a aquisição do acervo de preciosas peças antigas, de propriedade do ilustre morto, caso a família se disponha a vendê-las, evitando-se, assim, sua evasão para outros estados. Ambas [as] solicitações foram aprovadas (Museu Mineiro, 1995).

Na documentação referente à criação do Museu Mineiro, arquivada pela Diretoria de Museus, consta que, em 1977, o então Presidente do IEPHA, Prof. José Geraldo de Faria,

iniciou os contatos com a família de Geraldo Parreiras, no intuito de efetuar a compra da coleção. A resposta veio por meio de Haroldo de Castro Parreiras, filho do colecionador, que manifestou o interesse dos herdeiros em vendê-la ao Estado de Minas Gerais, emitindo o desejo de preservar o conjunto das obras adquiridas por seu pai (Museu Mineiro, 1995).

No mesmo ano, o Coordenador de Cultura do Estado, Paulo Campos Guimarães, e o Presidente do IEPHA determinaram a constituição de uma comissão encarregada de avaliar o acervo das obras de arte sacra da família Geraldo Parreiras. A comissão era formada pelos seguintes peritos, indicados pelo IEPHA: Professor Ivo Porto de Menezes, arquiteto e pesquisador do barroco em Minas; Sr. Maurício Meirelles, proprietário de antiquário; Professor Jair Afonso Inácio, conservador-restaurador e professor; Sr. Carlos Raimundo Barros de Mendonça, comerciante de antiguidades (Museu Mineiro, 1995).

A decisão de constituir essa comissão justificava-se pelo fato de o colecionismo estar intrinsecamente ligado ao mercado de arte, influenciando a dinâmica de preços, a especulação financeira e a legitimação simbólica de determinados nichos de obras. Além disso, a intenção de ter uma coleção privada integrada a um acervo público, como o do Museu Mineiro, tornava fundamental investigar suas origens, lógicas de aquisição e possíveis implicações éticas (Cordova, 2017).

Acerca da comissão, ressalta-se a autoridade dos escolhidos para sua composição dentro do cenário cultural mineiro: o Professor Ivo Porto de Menezes foi pioneiro na preservação do patrimônio cultural mineiro e um dos pesquisadores com maior trajetória profissional na área do patrimônio cultural em atividade em Minas Gerais, atuando a partir dos anos de 1950 no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em Ouro Preto. Na década de 1970, foi um dos primeiros colaboradores do IEPHA-MG assumindo ainda a direção do Arquivo Público Mineiro. Era catedrático de Urbanismo, na Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), além de ser professor emérito e ter especialização em Urbanismo, pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). (IEPHA, 2024).

Jair Inácio iniciou seus trabalhos no campo da restauração pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Reconhecido por sua habilidade, foi para o Rio de Janeiro, a fim de alcançar sua formação na área. Em 1961, recebeu uma bolsa de estudos para a Bélgica, de onde partiu para Roma, Itália, indo, em seguida, para Barcelona, sempre aprofundando seus estudos. Foi um pioneiro na preservação do patrimônio artístico brasileiro, pois usava técnicas aprendidas na Europa e nos Estados Unidos, adaptando-as à realidade brasileira. Criou o curso técnico de conservação e restauração

na cidade de Ouro Preto, onde atuou ainda como perito e professor. Seu trabalho foi reconhecido nacionalmente (Nobrega, 1997).

Maurício Meirelles, colecionador de obras de arte, foi proprietário do antiquário Maurício Meirelles Antiguidades e Restauração, inaugurado em 1989 e localizado no bairro Funcionários, em Belo Horizonte. Foi uma figura conhecida e respeitada entre os colecionadores e comerciantes de obras de arte em Minas Gerais. Faleceu em 2021, doando, em testamento, sua coleção de arte sacra e antiguidades para o Museu Mineiro, em um total de 238 itens que foram incorporados ao acervo do museu (Museu Mineiro, 2024).

Sobre o comerciante de antiguidades, Sr. Carlos Raimundo Barros de Mendonça, sabe-se que era bastante conhecido na capital por sua atividade, mas não foram localizadas maiores informações, além da citação de seu nome nos documentos consultados no Museu Mineiro (Museu Mineiro, 1995).

A composição da comissão, constituída por um arquiteto, um restaurador, um proprietário de antiquário e um negociante de arte, demonstra o cuidado do órgão do patrimônio em garantir a idoneidade do processo e ter o respaldo de profissionais que conhecessem a área cultural e o mercado das artes e pudessem confirmar a importância e o valor econômico da coleção. Em 1977, a iniciativa do IEPHA de contratar a comissão para embasar as negociações junto ao Estado rendeu-lhe a sua criação em 1971 (Museu Mineiro, 1995).

Para formalizar a aquisição das obras, a comissão avaliou cada uma delas e analisou ainda o aspecto de conjunto do acervo, assim como determinou a cotação para venda das peças, concluindo, por opinião unânime, que a coleção deveria ser adquirida. Nos arquivos da Diretoria de Museus, foram encontrados a relação com a descrição sucinta e o valor individual atribuído a cada obra, elaborada pela comissão (Museu Mineiro, 1995). O relatório, cumprindo as demais etapas da listagem a ser seguida pela comissão, não foi encontrado.

Encerrados os trabalhos da comissão, o Presidente do IEPHA, Prof. José Geraldo de Faria, iniciou os contatos com a família de Geraldo Parreiras, para formalizar a compra da coleção. O Estado encaminhou ao seu Departamento Jurídico solicitação de elaboração da minuta do contrato de compra e venda. A escritura pública de compra e venda da coleção foi lavrada em abril de 1978, com a aquisição de 187 peças, conforme orientação da comissão em seu parecer (Museu Mineiro, 1995). Interessante observar que as partes acordaram, no contrato de compra e venda, que o Estado ficaria:

[...] obrigado a manter o nome de “Acervo Geraldo Parreiras” para a coleção que ora lhe é vendida, incumbindo-lhe preservar em todos os sentidos sua integridade, obrigação que transferirá a terceiros, na hipótese de transmissão do acervo, sendo-lhe facultado, todavia, dar ao Museu ou Instituição que o abrigará, a denominação que lhe aprovou (Museu Mineiro, 1995).

Após a compra, segundo recibo da Companhia de Polícia de Guardas, da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais, a Coleção Geraldo Parreiras foi escoltada para o Palácio da Liberdade, onde ficou depositada até o ano de 1980. Nesse mesmo ano, a coleção foi transportada para o futuro prédio do Museu Mineiro, que então passava por adequações, realizadas pelo IEPHA, sendo seu policiamento ostensivo e permanente, até a abertura do museu. Nesse mesmo ano, o IEPHA efetuou o registro e a catalogação das coleções Arquivo Público Mineiro e Geraldo Parreiras como acervos do Museu Mineiro, conforme documentação encontrada na Diretoria de Museus (Museu Mineiro, 1995).

A inauguração do Museu Mineiro ocorreu no dia 10 de maio do ano de 1982. Desde então, as obras da Coleção Geraldo Parreiras sempre estiveram na composição das exposições permanentes do museu, desfrutando de uma posição de destaque dentro do acervo. Atualmente, as obras da Coleção Geraldo Parreiras encontram-se expostas na Sala das Colunas do Museu Mineiro (Figuras 6a e 6b). Apenas 13 obras dessa coleção estão guardadas na reserva técnica do museu.

Figura 6a – Sala das Colunas do Museu Mineiro



Fonte: foto da autora.

Figura 6b – Sala das Colunas do Museu Mineiro



Fonte: foto da autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre a Coleção Geraldo Parreiras realizada no acervo documental do Museu Mineiro permitiu reconhecê-la como um conjunto de obras de arte sacra expressivo e de grande valor dentro do cenário cultural mineiro mesmo antes de sua aquisição pelo Estado de Minas Gerais e consequente exposição no Museu Mineiro. Pela relevância das mostras em que foi exposta, assim como pelas personalidades que reconheceram seu valor, reveladas pelo livro de visitas da residência do colecionador, pôde-se concluir que a Coleção Geraldo Parreiras já possuía uma existência muito bem definida no campo cultural mineiro, que serviu de base para o tratamento museológico e divulgação que lhe foram dispensados após 1982, com a inauguração do Museu Mineiro.

Destaque-se ainda a competência da figura de Geraldo Parreiras, ao desempenhar o papel de colecionador. Além de fazer jus à tradição dos “gabinetes de curiosidades” e dos “museus casa”, ele também fez gravitar em torno de sua coleção grandes nomes da cultura mineira, como Ivo Porto de Menezes, Jair Inácio, Priscila Freire, José Alberto Nemer, Sara Ávila, Mauricio Meirelles, Myriam Ribeiro e Marcio Sampaio, dentre outros.

A comissão escolhida e encarregada de avaliar o acervo das obras de arte sacra da família Geraldo Parreiras, composta por um arquiteto e professor, um restaurador, um proprietário de antiquário e um negociante de obras de arte demonstra o cuidado do IEPHA, ao lidar com a aquisição da coleção, que foi a única comprada pelo estado para a composição inicial do acervo do Museu Mineiro.

Além disso, o século XX foi marcado pelo fortalecimento das instituições museológicas e da noção de arte como patrimônio cultural, assim como foi também um período de disputas e reavaliações éticas no colecionismo, especialmente após as guerras mundiais, com o debate sobre a restituição de obras saqueadas e a transparência na procedência das coleções. Essas questões continuam a impactar o campo do colecionismo até hoje.

Assim, apesar de a Coleção Geraldo Parreiras encontrar-se atualmente apresentada na sua quase totalidade na exposição permanente do Museu Mineiro, a pesquisa comprova que não foi sua inserção no acervo museológico do primeiro museu de artes da capital mineira o que acarretou sua visibilidade. Talvez o contrário possa ter ocorrido, já que o Museu Mineiro, por vezes, é reconhecido pelo público como um museu de arte sacra, o que muito se deve à exposição permanente que, desde 2002, se encontra na Sala das Colunas, onde predominam as obras da Coleção Geraldo Parreiras.

Este estudo contribui para o reconhecimento da importância da história e da pesquisa acerca das coleções formadas por colecionadores particulares que compõem acervos museológicos, sendo uma ação essencial para a gestão, preservação e difusão desses acervos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. *A arte religiosa no Brasil*. São Paulo: Experimento Giordano, 1993.
- ÁVILA, Cristina. *Museu Mineiro – Coleção de Arte Sacra*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura e Turismo de Minas Gerais, 1986.
- BOMENY, Helena. Infidelidades eletivas: intelectuais e política. In: BOMENY, Helena (org.). *Constelação Capanema: intelectuais e política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; Bragança Paulista, SP: Universidade de São Francisco, 2001. p. 11-35.
- BRANT, Fernando. Esta casa é a porta do céu. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, p. 52-55, 1972.
- CORDOVA, Dayana Zdebsky de. Colecionadores, coleções particulares e o mercado brasileiro de arte contemporânea. *Ouvirouver*, Uberlandia, v. 13, n. 2, p. 468-479, 2017.

FERREIRA, Geraldo Eustáquio. Um engenheiro com alma de artista. *Jornal Morro do Geo*, [s. l.], ed. n. 99, jul. 2006. Disponível em: <https://morrodogeo.com.br/>. Acesso em: 14 maio 2025.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS. *Notícias*. Nota de pesar pelo falecimento de Ivo Porto de Menezes. Belo Horizonte: IEPHA, 2024. Disponível em: <https://www.iepha.mg.gov.br/index.php/noticias-menu>. Acesso em: 9 set. 2025.

JANEIRA, Ana Luiza. Primórdios do coleccionismo moderno em espaços de produção do saber e do gosto. *Memorandum*, Belo Horizonte, v. 10, p. 65-70, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6732>. Acesso em: 15 jan. 2025.

JULIÃO, Letícia. Viajantes de 1924, coleccionadores do passado colonial e a coleção Geraldo Parreira. In: SUPERINTENDÊNCIA DE MUSEUS. Secretaria de Estado da Cultura e Turismo. *Colecionismo Mineiro*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura, 2002. p. 41-75.

LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico).

MAIA, Diogo Corrêa. A importância dos coleccionadores de arte para a museologia: um estudo de caso: Eva Klabin Rapaport. *Encontro de História da Arte*, Campinas, SP, n. 3, p. 375-382, 2007.

MUSEU MINEIRO. *Acervo Dossiê Coleção Geraldo Parreira*. Belo Horizonte: Diretoria de Museus da Secretaria do Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais, 1995.

MUSEU MINEIRO. *Acervo Dossiê Coleção Maurício Meirelles*. Belo Horizonte: Diretoria de Museus da Secretaria do Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais, 2024.

MUSEU NACIONAL. *Redescobrindo a casa do Imperador*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2025. Disponível em: Museu do Imperador - Redescobrindo a Casa do Imperador | Museu Nacional - UFRJ. Acesso em: 15 jan. 2025.

NATAL, Caion Meneguello. Mário de Andrade em Minas Gerais: em busca das origens históricas e artísticas da nação. *História Social*, Campinas, SP, v. 11, n. 13, p. 193-207, 2007. Dossiê: História Comparada.

NOBREGA, Isabel Cristina. *Jair Afonso Inácio, um pioneiro na preservação do patrimônio artístico brasileiro*. 1997. 362 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Estadual Paulista, 1997.

PALÁCIO DAS ARTES. *Arte Sacra em Minas Gerais no século XVIII – Acervo Geraldo Parreira*. Catálogo da Exposição de Arte Sacra – Galeria de Arte AMI. Belo Horizonte: Palácio das Artes, 1972.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; DANTAS, Regina. O Museu do Imperador: quando coleccionar é representar a nação. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 46, p. 123-164, 2008. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i46p123-164. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rieb/article/view/34602>. Acesso em: 5 ago. 2025.